


# Clima de intimidação em escola superior do Porto

O CURSO de Ensino Especial da Escola Superior de Educação (ESE) do Porto tem vivido em ambiente de intimidação, resultante do «autoritarismo» e «prepotência» de alguns professores e responsáveis da escola.

no Especial o preenchimento de uma declaração nos termos da qual o candidato «declara por sua honra que aceita todas as normas e regulamentos aplicáveis ao referido curso, comprometendo-se a respeitá-los na sua globalidade».

Frequentada por professores primários e por educadoras de infância, alguns dos quais com muitos anos de serviço, o curso tem vivido em clima de tensão desde que foram postos em causa os métodos de trabalho utilizados. «Pêdiram-nos a opinião sobre o curso e os métodos de avaliação e, quando contestámos o que se passava, impuseram-nos aquilo que tinham de fimido e ainda nos ameaçaram» — explicou uma das nossas fontes, que denunciou ainda o facto de serem tratados «como liceais» e de alguns professores demonstrarem «absoluto desprezo» pela sua experiência lectiva, revelando até «incompetência».

Interrogado pelo EXPRESSO sobre os objectivos do documento, Luis Soares afirmou que ele visava «funcionar como um alerta, para que os candidatos se certificassem bem da legislação antes de se inscreverem. O curso tem regras de funcionamento e é fundamental que os candidatos as conheçam bem». Reconheceu, porém, que nada garantia que, depois de lido o documento, os candidatos se inteirassem em pormenor da legislação, admitindo assim a sua eventual ineficácia prática. Para Luis Soares, contudo, «a ESE «têm autonomia para definir qual a documentação de inscrição» e por isso, sublinhou, «quem não assinar este documento não preenche as condições para ser considerada a sua candidatura».

O ambiente de intimidação resultou, sobretudo, da greve a um teste decidida e votada por unanimidade pelos alunos — e posteriormente «furada» por seis deles —, na sequência da qual Luis Soares, presidente do Instituto Politécnico e responsável máximo da ESE, afirmou numa reunião que «os métodos de avaliação não estavam em discussão» e que os alunos «estiveram quase para ir todos para casa».

Contudo, a verdade é que não foram tomadas idênticas medidas em relação aos outros cursos da ESE do Porto, o que faz do referido documento uma medida de excepção. Talvez por isso uma fonte sindical o tenha classificado perante o EXPRESSO como «uma reedição da célebre 27003» a declaração de anticomunismo que, no tempo de Salazar, os candidatos a funcionários públicos eram obrigados a assinar se queriam ter acesso a um emprego do Estado.

Diversas fontes por nós contactadas foram unânimes em classificar o clima vivido no curso como de «medo» e «policiamento», aliás bem patentes no pânico demonstrado no contacto com o EXPRESSO, temendo uma identificação posterior e eventual retaliação.

Embora a comparação se afigure exagerada, há contudo outros indícios do autoritarismo e prepotência na ESE. Como salientava uma das nossas fontes, eles «estão bem patentes, ao nível do simbólico, no arame farpado que foi posto em redor da relva da escola. Deve ser o único sítio do mundo onde há arame farpado para proteger a relva» — exclamou.

## Declaração «reeditada» da célebre 27003»

Como que a precaver processos de contestação, a ESE passou a exigir a todos os candidatos ao curso de Ensi-

José Alberto Lemos



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Conflito-estudantes

JAN	FEV	MAR	APR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----